

Eu te darei o Sol

JANDY
NELSON

Tradução

Paulo Polzonoff Junior



O MUSEU INVISÍVEL

NOAH | 13 ANOS

É assim que tudo começa.

Com Zephyr e Fry — sociopatas que reinam na vizinhança — me torpedeando e fazendo com que o chão do bosque todo trema sob meus pés enquanto corro em meio ao ar e às árvores, este pânico me percorrendo o corpo.

— Você vai morrer, covarde! — grita Fry.

Então Zephyr se joga sobre mim, prende meus braços nas minhas costas, e Fry pega meu bloco de desenho. Tento lutar, mas não tenho braços, estou impotente. Tento me livrar das garras de Zephyr. Não consigo. Tento fechar os olhos e transformá-los em mariposas. Nada. Eles ainda são o que são: babacas com quatro metros e meio de altura da décima série que vivem a esmo, jogando meninos de treze anos como eu de penhascos só por diversão.

Zephyr me prendeu com uma chave de braço e o peito dele pesa sobre minhas costas, minhas costas contra o peito dele. Estamos ensoados de suor. Fry começa a folhear o bloco.

— O que você estava desenhando, Bolha?

Eu o imagino sendo atropelado por um caminhão. Ele segura uma página de desenhos no ar.

— Zeph, olhe só todos estes caras nus.

O sangue deixa de correr pelas minhas veias.

— Não são caras nus. São o *Davi* — eu me livro, rezando para não parecer um ratinho e para ele não ver os desenhos mais recentes do bloco, feitos hoje, quando eu estava espiando, desenhando *eles mesmos* saindo da água com suas pranchas de surfe sob os braços, sem traje de banho nem nada, brilhando totalmente ao sol e, ahn, de mãos dadas. Posso ter usado alguma licença poética. Então eles vão pensar... Eles vão me matar antes mesmo de me matar, é isso o que eles vão fazer. O mundo começa a girar. Dirijo algumas palavras a Fry:

— Sabe? Michelangelo? Já ouviu falar dele? — Não vou agir como sou. *Finja-se de durão e você será durão*, como o papai disse repetidas vezes; como se eu fosse uma espécie de guarda-chuva quebrado.

— É. Ouvi falar dele — diz Fry, com sua bocarra que combina com o restante de seus traços enormes sob a maior testa do mundo, o que torna muito fácil confundi-lo com um hipopótamo. Ele arranca a folha do bloco. — Ouvi dizer que ele era gay.

Ele *era* — minha mãe escreveu todo um livro sobre isso —, não que Fry saiba. Ele diz que todo mundo é gay e, quando não, os chama de veadinhos ou bichinhas. E eu: veadinho, bichinha e Bolha.

Zephyr solta sua risada demoníaca. Ela vibra no meu corpo.

Fry segura o desenho seguinte no ar. Mais *Davi*. A parte de baixo dele. Um estudo em detalhes. Fico todo gelado.

Os dois estão rindo agora. A risada ecoa pelo bosque. Ela parece vir dos pássaros.

Novamente tento me livrar da chave de braço de Zephyr para tirar meu bloco de desenho das mãos de Fry, mas isso só o faz me prender com mais força. Zephyr, o Thor maluco. Um dos braços dele me prende pelo pescoço, o outro pelo peito como um cinto de segurança. Ele está sem camisa, recém-saído da praia, e o calor dele permeia minha camiseta. O protetor solar de coco que ele usa enche meu nariz, toda a

minha cabeça — o cheiro forte do oceano também, como se ele tivesse o mar sobre os ombros... Zephyr traz a maré consigo como se fosse um cobertor atrás de si... Isso seria legal, isso seria incrível (*Retrato: O Menino que Trazia Consigo o Mar*), mas não agora, Noah, agora não é hora de imaginar uma pintura desse cretino. Livro-me da ideia, sinto o sal nos meus lábios, lembro que estou prestes a morrer...

Os cabelos compridos de algas marinhas de Zephyr estão molhados e pingando no meu pescoço e nos meus ombros. Noto que estamos respirando fundo e em sincronia. Tento não respirar em sincronia com ele. Tento me livrar da Lei da Gravidade e flutuar. Não consigo nenhuma das duas coisas. Não consigo nada. O vento está tirando desenhos meus — na maioria retratos de família — das mãos de Fry, que os rasga um a um. Ele rasga um retrato de Jude e eu bem no meio, me corta da imagem.

Observo minha imagem levada pelo vento.

Observo-o se aproximar cada vez mais dos desenhos que vão provocar minha morte.

Minha pulsação retumba nos meus ouvidos.

Então Zephyr diz:

— Não rasgue tudo, Fry. A irmã dele diz que ele é bom. — Será que ele gosta da Jude? A maioria deles gosta dela agora porque ela consegue surfar melhor do que todos, gosta de saltar dos penhascos e não tem medo de nada, nem mesmo dos grandes tubarões-brancos e do papai. E, por causa dos cabelos dela, uso todos os meus lápis amarelos desenhando-os. Eles têm centenas de quilômetros de comprimento e todos no norte da Califórnia temem se enrolar neles, principalmente criancinhas e poodles e agora surfistas babacas.

Tem também os seios, que surgiram do dia para a noite, juro.

Inacreditável, Fry ouve o que Zephyr diz e solta o bloco.

Jude me olha do desenho, ensolarada, sábia. *Obrigado*, eu lhe digo em minha mente. Ela está sempre me resgatando, o que geralmente é

constrangedor, mas não agora. Aquilo foi moralmente certo. (Retrato, Autorretrato: *Gêmeos: Noah Olhando num Espelho, Jude Afastando Seu Olhar do Dele*).

— Você sabe o que vamos fazer com você, não? — diz Zephyr no meu ouvido, de volta à sua programação homicida regularmente agendada. Há muito dele no seu hálito. Há muito dele em mim.

— Por favor, caras — imploro.

— “Por favor, caras” — imita Fry, com uma vozinha fina de menina.

Meu estômago revira. A Queda do Diabo, o segundo maior salto na colina, que eles pretendem usar para me jogar, tem esse nome por um motivo. Lá embaixo há um punhado de rochas afiadas e um rodamoinho que puxa seu corpo todo quebrado para o mundo subterrâneo.

Tento me livrar de Zephyr novamente. E mais uma vez.

— Pegue-o pelas pernas, Fry!

Todos os três mil quilos de hipopótamo de Fry se jogam sobre meus calcanhares. Desculpe, isso não está acontecendo. Simplesmente não está. Odeio a água, já que sou dado a me afogar e boiar até a Ásia. Preciso do meu crânio inteiro. Esmagá-lo seria como levar uma bola de demolição a algum museu secreto sem que ninguém tivesse a oportunidade de ver o que estava em exposição.

Então eu cresço. E cresço e cresço até dar uma cabeçada no céu. Conto até três e *enlouqueço*, agradecendo silenciosamente ao papai por todas as aulas de luta que fui obrigado a fazer na varanda, disputas até a morte, nas quais o papai só podia usar um dos braços, enquanto eu podia usar tudo e ainda assim ele me vencia porque ele tem nove metros de altura e é feito de peças de caminhão.

Mas sou o filho dele, seu filho *monstruoso*. Sou um Golias ágil e vencedor, um tufão envolto em pele, e então estou girando e empurrando e tentando me liberar, e eles me derrubam, rindo e dizendo coisas como “que louquinho da mamãe”. E acho que até percebo algum respeito na

voz de Zephyr quando ele diz “não consigo segurá-lo, ele parece uma enguia louca”, e isso me faz lutar com mais vontade — adoro enguias, elas são *elétricas* —, me imaginando um fio vivo agora, completamente carregado com minha própria voltagem, enquanto abro caminho feito um chicote, sentindo os corpos deles revirando ao redor do meu, quentes e lisos, os dois me derrubando seguidas vezes, e eu me livrando deles, nossos membros entrelaçados, e agora a cabeça de Zephyr está pressionada contra meu peito, e Fry está atrás de mim com cem mãos, e parece que tudo é movimento e confusão, e estou perdido, perdido, perdido quando começo a suspeitar de que... quando percebo... tenho uma ereção, uma ereção dura, sobrenatural, pressionada contra a barriga de Zephyr. Um medo de alta octanagem percorre meu corpo. Invoco o massacre do machado mais sangrento e nojento — minha arma mais eficiente contra ereções —, mas é tarde demais. Zephyr fica momentaneamente imóvel e depois se afasta de mim.

— O que foi isso?!

Fry rola e se ajoelha.

— O que foi que aconteceu? — pergunta ele, gritando na direção de Zephyr.

Eu me afastei rolando, e fiquei sentado, os joelhos encostados no meu peito. Não consigo me levantar ainda, com medo de mostrar a barraca armada, então me esforço ao máximo para tentar não chorar. Uma sensação de furão perdido se esconde em todos os cantos do meu corpo, enquanto respiro ofegante. E, mesmo que eles não me matem aqui e agora, à noite todo mundo na colina ficará sabendo o que aconteceu. Posso muito bem engolir uma banana de dinamite e me jogar da Queda do Diabo. Isso é pior, muito pior, do que eles verem alguns desenhos estúpidos.

(Autorretrato: *Funeral no Bosque.*)

Mas Zephyr não diz nada, ele só fica ali de pé, parecendo uma versão viking de si mesmo, mas todo esquisito e calado. Por quê?

Será que eu o atingi com a força da minha mente?

Não. Ele aponta na direção do oceano e diz para Fry:

— Que se dane tudo isso. Vamos pegar as pranchas e curtir.

O alívio me envolve todo. Será possível que ele não sentiu nada? Não, não é — era uma ereção de aço, e ele se afastou com um pulo, totalmente apavorado. Ele ainda está apavorado. Então por que ele não está me chamando de Bolhahomobichinha? Será que é porque... ele gosta da Jude?

Fry gira o dedo ao redor da orelha, num sinal de loucura, enquanto diz para Zephyr:

— Alguém parece que perdeu completamente o juízo, cara.

Depois para mim:

— Quando você menos esperar, Bolha. — Com a mão, ele imita minha queda livre da Queda do Diabo.

Está tudo acabado. Eles voltam para a praia.

Antes que os neandertais mudem de ideia, corro até meu bloco de desenho, coloco-o sob o braço e depois, sem olhar para trás, saio em disparada para dentro do bosque como alguém cujo coração não está abalado, os olhos não estão marejados, alguém que não se sente tão renovado como um ser humano.

Na clareira, saio em disparada como uma chita — elas vão de zero a 120 quilômetros por hora em três segundos cravados, e eu praticamente consigo fazer o mesmo. Sou o quarto mais rápido da sétima série. Sou capaz de abrir uma passagem no ar e desaparecer dentro dela, e é isso o que faço até estar longe o bastante deles e do que aconteceu. Pelo menos não sou uma mosca. Moscas machos têm dois pênis com os quais se preocupar. Já passei metade da minha vida no banho por causa de um só, pensando em coisas em que não consigo deixar de pensar, por mais que eu tente, porque eu gosto muito, muito *mesmo*, de pensar nelas. Cara, como eu gosto.

No riacho, salto as rochas até encontrar uma boa caverna onde possa assistir ao sol nadando na água corrente pelos próximos cem

anos. Deve haver uma trombeta, gongo ou algo assim para acordar Deus. Porque eu gostaria de ter uma conversinha com ele. Duas palavrinhas, na verdade:

COMO ASSIM?!

Depois de um tempo sem obter respostas, como sempre, pego um punhado de carvão do bolso traseiro da minha calça. De alguma forma ele sobreviveu intacto à briga. Sento-me e abro meu bloco de desenho. Pinto de preto toda uma página em branco, depois outra e outra. Pressiono tanto o carvão contra a folha que os quebro um depois do outro, usando o último até o talo, e é como se a cor preta tivesse vindo do meu dedo, de mim mesmo, para a folha. Preencho o restante do bloco. Leva horas.

(Uma Série: *Menino Dentro de uma Caixa Escura.*)



Na noite seguinte, durante o jantar, a mamãe anuncia que a vovó Sweetwine pegou uma carona com ela naquela tarde, com uma mensagem para mim e Jude.

Só que a vovó está morta.

— Finalmente! — grita Jude, desabando em sua cadeira. — Ela me prometeu!

O que a vovó prometeu a Jude, pouco antes de morrer dormindo há três meses, foi que, se Jude realmente precisasse dela, ela apareceria imediatamente. Jude era a neta preferida dela.

A mamãe sorri para Jude e põe as mãos sobre a mesa. Coloco minhas mãos na mesa também, depois percebo que estou imitando a mamãe e escondo as mãos no colo. A mamãe é contagiosa.

E sempre uma surpresa — algumas pessoas simplesmente não são deste mundo, e ela é uma dessas pessoas. Ando acumulando provas disso há anos. Mais sobre isso mais tarde.

Mas agora: o rosto de mamãe se ilumina todo enquanto ela monta o cenário, contando-nos como primeiro o carro se encheu com o perfume da vovó.

— Vocês sabem que o cheiro costumava entrar no ambiente antes da chegada dela. — Mamãe respira fundo dramaticamente, como se a cozinha estivesse sendo inundada pelo perfume floral da vovó. Eu respiro fundo dramaticamente. Jude respira fundo dramaticamente. Todo mundo na Califórnia, nos Estados Unidos, na Terra respira fundo dramaticamente.

Exceto papai. Ele pigarreia.

Ele não está aceitando aquilo. Porque é um perdido. Isso de acordo com a própria mãe dele, a vovó Sweetwine, que nunca entendeu como deu à luz e criou alguém tão desinteressado de tudo. Nem eu.

Um desinteressado que estuda *parasitas* — sem comentários.

Olho para ele, com seus músculos e bronzado de salva-vidas, com seus dentes que brilham no escuro, com todo o seu brilho normal, e sinto um peso no estômago — o que aconteceria se ele soubesse?

Até agora Zephyr não disse nenhuma palavra. Você provavelmente não sabe, porque sou a única pessoa no mundo a saber, mas dorque é o nome oficial do pênis da baleia. E o dorque de uma baleia-azul? Cinco metros e meio. Repetindo: CINCO METROS E MEEEEEEEEIO! É assim que me sinto desde que tudo aconteceu ontem:

(Autorretrato: *O Pênis de Concreto.*)

É isso aí.

Mas às vezes acho que o papai suspeita. Às vezes acho que a torradeira suspeita.

Jude chuta minha perna sob a mesa para atrair meu olhar do saleiro, que percebo que estou encarando há muito tempo. Ela meneia a cabeça para a mamãe, cujos olhos estão agora fechados e cujas mãos estão cruzadas sobre o coração. Depois para o papai, que olha para a mamãe como se as sobrancelhas dela tivessem se arrastado até o queixo. Arre-

galamos nossos olhos para um e para o outro. Eu me seguro para não rir. Jude também — ela e eu compartilhamos alguma coisa que nos faz rir ao mesmo tempo. Nossos pés se tocam sob a mesa.

(Retrato de Família: Mamãe Conversa com os Mortos no Jantar.)

— E então? — insiste Jude. — A mensagem?

A mamãe abre os olhos, pisca para nós e depois os fecha novamente e continua com sua voz de sessão espírita:

— Então respirei fundo o ar perfumado de flores e houve uma espécie de tremor... — Ela cruza os braços como se fossem cachecóis, aproveitando o momento. Por isso é que ela ganha tantos prêmios de professora do ano: todos querem participar do filme dela. Nós nos inclinamos para ouvir as palavras seguintes, a Mensagem do Andar de Cima, mas então o papai a interrompe, jogando uma carga inteira de tédio sobre o momento.

Ele nunca ganha o prêmio de professor do ano. Nunca. Sem comentários.

— É importante que as crianças saibam que você está usando uma grande metáfora, querida — diz ele, ajeitando-se de modo que sua cabeça atravessasse o teto. Na maior parte dos meus desenhos ele é tão grande que não consigo retratá-lo numa folha, então eu excluo a cabeça.

A mamãe abre os olhos e a diversão desapareceu de seu rosto.

— Mas não estou falando metaforicamente, Benjamin. — O papai costumava fazer os olhos da mamãe brilharem; agora ele a faz ranger os dentes. Não sei por quê. — O que eu quis dizer quase literalmente — diz ela, entre os dentes — é que a inimitável vovó Sweetwine, já morta, estava no carro, sentada ao meu lado, tão real quanto o dia. — Ela sorri para Jude. — Na verdade, ela estava usando um daqueles seus Vestidos Flutuantes, totalmente *espetacular*. — O Vestido Flutuante era o código de vestimenta da vovó.

— Ah! Qual? O azul? — Jude pergunta, de um jeito que me dá uma dor no peito por ela.

— Não, aquele com as florezinhas alaranjadas.

— Claro — responde Jude. — A roupa de fantasma perfeita. Nós discutimos qual seria a roupa de vida após a morte dela. — Ocorre-me que a mamãe está inventando tudo isso porque Jude ainda sente a falta da vovó. Ela mal saiu do leito de morte da vovó nos últimos dias. Quando a mamãe as encontrou na última manhã, uma dormindo e a outra morta, elas estavam de mãos dadas. Achei isso incrivelmente assustador, mas fiquei quieto. — Então... — Jude arqueia a sobrancelha. — A mensagem?

— Sabe o que eu adoraria? — pergunta o papai, intrometendo-se apressadamente na conversa para que jamais descobramos qual era a maldita mensagem. — Eu adoraria que finalmente pudéssemos declarar o fim do Reino do Ridículo. — Isso novamente. O Reino ao qual ele se refere teve início quando a vovó veio morar com a gente. Papai, “um homem da ciência”, disse-nos que absorvia cada gota de superstição porca que saía da boca da própria mãe com um grão de sal. A vovó nos dizia para não darmos ouvido ao seu filho chato e para pegarmos aqueles grãos de sal e os jogarmos por sobre o nosso ombro esquerdo para cegar o demônio.

Daí ela pegava sua “bíblia” — um enorme livro com encadernação de couro cheio de ideias bobas (isto é, superstição porca) — e começava a pregar o Evangelho. Principalmente para Jude.

O papai pega uma fatia de pizza do prato. O queijo derretido escorre pelas laterais. Ele me olha.

— E quanto a isso, hein, Noah? Quem está aliviado por não estarmos comendo um daqueles ensopados da sorte da vovó?

Fico em silêncio. Desculpe, Charlie. *Adoro* pizza, quero dizer. Até mesmo quando estou no meio de uma pizza, penso que queria comer mais pizza, mas não pegaria carona no trem do papai nem mesmo se Michelangelo estivesse nele. O papai e eu não avançamos, se bem que ele tende a esquecer. Eu nunca esqueço. Quando ouço a voz de trovão dele

me procurando para assistir aos 49ers ou a algum filme no qual tudo explode ou para ouvir jazz que faz com que meu corpo pareça do avesso, abro a janela do meu quarto e saio por ela em direção às árvores.

Às vezes, quando não há ninguém em casa, entro no escritório dele e quebro seus lápis. Certa vez, depois de uma sessão especialmente ruim daquele discurso de Noah, o Guarda-Chuva Quebrado, quando ele riu e disse que, se Jude não fosse minha irmã gêmea, teria certeza que eu nasci de partenogênese (isso mesmo: concepção sem pai), entrei na garagem quando todos estavam dormindo e risquei o carro dele com uma chave.

Como sou capaz de ver as almas das pessoas às vezes, ao desenhá-las, sei o seguinte: a mamãe tem uma enorme alma de girassol, tão grande que mal sobra lugar para os órgãos. Jude e eu temos uma alma em comum que compartilhamos: uma árvore com as folhas em chamas. E o papai tem um prato de larvas como alma.

Jude diz para ele:

— Você acha que a vovó não o ouve insultando a comida dela?

— A resposta para isso é um retumbante não — diz o papai, voltando-se para o pedaço de pizza. A gordura faz com que a boca inteira dele brilhe.

Jude se levanta. Seus cabelos pendem da cabeça como uma aura. Ela olha para cima e declara:

— Eu *sempre* adorei sua comida, vovó.

A mamãe estende a mão e aperta a mão dela, dizendo depois para o teto:

— Eu também, Cassandra.

Jude sorri por dentro.

O dedo do papai atira na própria cabeça.

A mamãe faz uma cara feia — isso a faz parecer ter cem anos de idade.

— Aceite o mistério, Professor — diz ela. Ela está sempre dizendo isso ao papai, mas costumava dizer de um jeito diferente. A mamãe

costumava dizer isso como se estivesse abrindo uma porta para ele, não como se fechasse a porta na cara dele.

— Eu me casei com o mistério, Professora — responde ele, como sempre, mas isso geralmente soava como um elogio.

Todos comemos pizza. Não é nada divertido. Os pensamentos da mamãe e do papai tornam o ar pesado. Ouço-me mastigar quando o pé de Jude encontra o meu sob a mesa mais uma vez. Eu a chuto de volta.

— E a mensagem da vovó? — pergunta ela em meio ao clima tenso, sorrindo com esperança.

O papai olha para ela e seus olhos se tornam mais amenos. Ela é a preferida dele também. A mamãe não tem um filho preferido, o que significa que o cargo está vago.

— Como estava dizendo. — Desta vez a mamãe usa sua voz normal, áspera, como se uma caverna falasse com você. — Eu estava passando pela CSA, a escola secundária de belas-artes, nesta tarde e foi quando a vovó apareceu para dizer que a escola seria perfeita para vocês dois. — Ela balança a cabeça, iluminando-se e voltando a aparentar sua idade normal. — E é mesmo. Nem acredito que nunca pensei nisso antes. Fico pensando naquela frase do Picasso: “Toda criança é um artista. O problema é como continuar sendo artista quando se cresce”. — Ela tem aquele olhar enlouquecido que aparece em museus, como se fosse roubar uma obra de arte. — Mas então. É uma chance de toda uma vida, caras. Não quero que seus espíritos sejam repreendidos como... — Ela não conclui a frase; passa a mão pelo cabelo (preto e encaracolado como o meu) e se vira para o papai. — Quero muito isso para eles, Benjamin. Sei que vai ser caro, mas é uma oport...

— É? — interrompe Jude. — Foi só isso o que a vovó disse? Essa foi a mensagem dela *da outra vida*? Uma mensagem sobre uma *escola*? — Parece que ela vai começar a chorar.

Eu não. Escola de arte? Nunca imaginei uma coisa assim, nunca imaginei que não teria de ir para a Roosevelt, ou Escola dos Babacas,

com todos os outros. Tenho certeza de que o sangue começou a ferver dentro do meu corpo.

(Autorretrato: *Uma Janela Se Abre no Meu Peito.*)

A mamãe está com aquele olhar estranho novamente.

— Não é uma escola qualquer, Jude. É uma escola que vai permitir que vocês gritem do alto dos prédios todos os dias, durante quatro anos. Você não quer gritar do alto dos prédios?

— Gritar o quê? — pergunta Jude.

Isso faz com que o papai engasgue baixinho, provocativo.

— Não sei, Di — diz ele. — É focado demais. Você esquece que, para o restante de nós, arte é apenas arte, não uma religião. — A mamãe pega uma faca e enfia nas entranhas dele, revira. O papai se anima, claro. — De qualquer modo, eles estão ainda na sétima série. O ensino médio ainda está longe.

— Eu quero ir! — digo, explodindo. — Não quero um espírito refreado! — Percebo que essas são as primeiras palavras que mencionei durante toda a refeição. A mamãe sorri para mim. O papai não pode demovê-la disso. Não há cabeças de parafina lá, sei disso. Provavelmente apenas meninos e meninas cujo sangue brilha. Somente revolucionários.

A mamãe diz para o papai:

— Eles vão precisar de um ano para se preparar. É uma das melhores escolas de belas-artes do país, com um currículo acadêmico de primeira também, sem problemas quanto a isso. E fica bem no nosso quintal! — A empolgação dela me anima ainda mais. Acho que vou começar a bater asas. — É muito difícil de entrar. Mas vocês dois conseguem. Habilidade natural, e vocês já sabem tanta coisa. — Ela sorri para nós com tanto orgulho que é como se o sol nascesse na mesa. É verdade. Outras crianças têm livros infantis, nós temos livros de arte. — Vamos começar a fazer visitas a museus e galerias neste fim de semana. Vai ser ótimo. Vocês dois podem fazer concursos de desenhos.

Jude bufa uma bufada azul fluorescente sobre a mesa, mas sou o único a perceber. Ela sabe desenhar bem, mas é diferente. Para mim, a escola só deixou de ser uma cirurgia de estômago diária de oito horas quando percebi que todos queriam que eu os desenhasse mais do que queriam conversar comigo ou me socar. Ninguém nunca quis socar a cara de Jude. Ela é reluzente, divertida e normal — não uma revolucionária — e conversa com todo mundo. Eu converso comigo mesmo. E com Jude, claro, ainda que geralmente em silêncio, porque é assim que conversamos. E com a mamãe, porque ela é animada. (Rapidamente, a prova: até agora ela não atravessou uma parede nem levantou a casa com a mente nem parou o tempo ou coisa assim, mas há sinais. Certa manhã, recentemente, ela estava na varanda tomando seu chá, como sempre, e, quando me aproximei, vi que ela estava fluando. Pelo menos foi o que me pareceu. E o argumento contundente: ela não tem pais. Ela foi uma criança abandonada! Foi deixada numa igreja qualquer em Reno, Nevada. Oi? Abandonada por *elas*. Ah, e também converso com Rascal, na casa ao lado, o Rascal, que, em todo o caso, é um cavalo, mas tudo bem.)

Daí por que me chamam de Bolha.

Sério, na maior parte do tempo eu me sinto como um refém.

O papai põe os cotovelos na mesa.

— Dianna, espere um pouco. Realmente acho que você está projetando. Velhos sonhos são...

A mamãe não o deixa dizer mais nada. Seus dentes rangem enlouquecidamente. Parece que ela está represando um dicionário de xingamentos ou uma guerra nuclear.

— Noah e Jude, peguem seus pratos e vão para a sala. Preciso conversar com seu pai.

Nós não nos mexemos.

— Noah e Jude, agora!

— Jude, Noah — diz o papai.

Pego meu prato e saio dali colado nos calcanhares de Jude. Ela estende a mão para mim e eu a recebo. Noto, então, que o vestido dela é colorido como um peixe-palhaço. A vovó a ensinou a fazer as próprias roupas. Ah! Ouço o novo papagaio do nosso vizinho, Profeta, pela janela aberta. “Onde está o Ralph?”, grita ele. “Onde está a porra do Ralph?” É a única coisa que ele diz, e diz isso vinte e quatro horas por dia. Ninguém sabe quem é o Ralph, muito menos onde ele está.

— Maldito papagaio burro! — grita o papai, com tanta força que eriça os pelos da nossa nuca.

— Ele não está falando sério — digo para o Profeta mentalmente, só para perceber que disse isso em voz alta. Às vezes palavras saem da minha boca como sapos cheios de verrugas. Começo a explicar para o papai que estava falando com o pássaro, mas paro porque não quero me alongar; em vez disso, da minha boca sai um som frouxo estranho que faz com que todos, exceto Jude, me olhem com curiosidade. Saímos correndo pela porta.

Pouco depois, estamos sentados no sofá. Não ligamos a televisão para podermos ouvir o que nossos pais estão conversando, mas eles falam sussurrando e é impossível decifrar. Depois de dividir minha fatia de pizza mordida a mordida porque Jude se esqueceu do prato dela, ela diz:

— Eu achava que a vovó ia nos dizer algo de incrível em sua mensagem. Tipo, no Paraíso tem um oceano, entende?

Recosto-me no sofá, aliviado por estar sozinho com Jude. Nunca me sinto refém quando estamos apenas nós dois.

— Ah, é, tem, com certeza tem um oceano, só que ele é roxo e a areia é azul e o céu é verde.

Ela sorri, pensa por um instante e diz:

— E, quando você está cansado, você entra na sua flor e dorme. Durante o dia, todo mundo conversa usando cores em vez de sons. É tão silencioso. — Ela fecha os olhos e diz lentamente: — Quando as pessoas se apaixonam, elas pegam fogo. — Jude adora isso, um dos

jogos preferidos da vovó. Costumávamos brincar disso com ela quando éramos pequenos. “Leve-me daqui!”, dizia ela, ou, às vezes, “Tirem-me rápido daqui, meninos!”.

Quando Jude abre os olhos, toda a mágica se dissipou de seu rosto. Ela suspira.

— O quê? — pergunto.

— Não vou para aquela escola. Só gente estranha estuda lá.

— Estranha?

— É, malucos. Escola Californiana de Alienígenas, é assim que as pessoas a chamam.

Ah, droga, droga, obrigado, vovó. O papai tem que se dobrar às exigências da mamãe. Eu tenho que entrar naquela escola. Alienígenas que fazem arte! Estou tão feliz que sinto que estou pulando numa cama elástica, dando cambalhotas dentro de mim mesmo.

Não a Jude. Ela está toda de mau humor agora. Para fazê-la se sentir melhor, digo:

— Talvez a vovó tenha visto suas mulheres voadoras e é por isso que quer que entremos para aquela escola.

Três praias abaixo, Jude as esculpiu com areia molhada. As mesmas mulheres que ela fazia com purê de batata ou o creme de barbear do papai ou qualquer outra coisa, quando ela achava que ninguém estava vendo. Do penhasco, eu a via criar essas enormes versões de areia e sabia que ela estava tentando conversar com a vovó. Sempre sei o que se passa na mente de Jude. Não é tão fácil para ela saber o que se passa na minha mente, porque eu tenho persianas mentais e as fecho sempre que acho necessário. Como ultimamente.

(Autorretrato: *O Menino Escondido Dentro do Menino Escondido Dentro do Menino.*)

— Não acho que aquilo seja arte. Era... — Ela não termina a frase.

— É por sua causa, Noah. E pare de me seguir pela praia. E se eu estivesse beijando alguém?

— Quem? — Sou apenas duas horas, trinta e sete minutos e treze segundos mais novo do que Jude, mas ela sempre faz com que eu me sinta seu irmãozinho caçula. Odeio isso. — Quem você estaria beijando? Você já beijou alguém?

— Eu conto se você me contar o que aconteceu ontem. Sei que alguma coisa aconteceu, e é por isso que você não caminhou até a escola normalmente esta manhã. — Eu não queria encontrar Zephyr ou Fry. A escola deles fica ao lado da nossa. Não quero vê-los de novo. Jude toca meu braço. — Se alguém fez ou disse alguma coisa para você, me conte.

Ela está tentando entrar na minha mente, então fecho as persianas. Rapidamente as fecho comigo de um lado e ela do outro. Isso não é como os outros shows de terror. Quando ela deu um soco na cara do encorpado Michael Stein, no ano passado, durante um jogo de futebol, por ele me chamar de retardado só porque me distraí com um formigueiro incrivelmente legal. Ou quando fiquei preso num buraco e ela e o papai tiveram de me tirar do mar diante de um grupo de surfistas. Isso é diferente. Este segredo é como ter carvão em brasa sob meus pés o tempo todo. Levanto-me do sofá para me afastar de qualquer possível telepatia — é quando os gritos chegam até nós.

São altos, como se a casa estivesse se quebrando em duas. Tão altos quanto das outras vezes ultimamente.

Eu volto a me sentar. Jude me olha. Ela tem olhos de um azul glacial muito claro; uso principalmente lápis branco ao desenhá-los. Normalmente eles me fazem sentir flutuando e pensando em nuvens fofas, ouvindo harpas, mas neste momento eles parecem simplesmente apavorados. Tudo o mais foi esquecido.

(Retrato: Mamãe e Papai com Cabeças de Chaleiras Fumegantes.)

Quando Jude fala, parece que ela é uma criancinha, sua voz é só um enfeite:

— Você realmente acha que é por isso que a vovó quer que a gente vá para aquela escola? Só porque ela viu minhas mulheres voadoras de areia?

— Acho — digo, mentindo. Acho que ela tinha razão antes. Acho que é por minha causa.

Ela se recosta de modo que tocamos nossos ombros. Assim somos nós. Esta é a nossa pose. Um amálgama. Era assim que estávamos na foto de ultrassom que tiraram da gente dentro da mamãe e no retrato que Fry rasgou ontem. Ao contrário de quase qualquer outra pessoa no planeta, desde as nossas primeiras células estávamos juntos, viemos para este mundo juntos. Por isso é que quase ninguém nota que Jude fala por nós dois, por isso é que conseguimos tocar piano somente a quatro mãos, nunca sozinhos, por isso é que nunca brincamos de joquempô, porque nunca, em treze anos, escolhemos coisas diferentes. É sempre assim: duas pedras, dois papéis, duas tesouras. Quando não nos desenho assim, eu nos desenho como pessoas pela metade.

A calma do amálgama me inunda. Ela respira fundo e eu a imito. Talvez estejamos velhos demais para ainda agirmos assim, mas que se dane. Posso ver o sorriso dela mesmo olhando para a frente. Soltamos o ar ao mesmo tempo, depois inalamos juntos, exalamos, inalamos, para dentro e para fora, para fora e para dentro, até que nem mesmo as árvores se lembrem do que aconteceu no bosque ontem, até que a voz da mamãe e a do papai se transformem em música, até não apenas termos a mesma idade, mas sermos uma única pessoa.



Uma semana mais tarde, tudo muda.

É sábado e a mamãe, Jude e eu estamos no centro da cidade, no café na laje do museu, porque a mamãe ganhou a discussão e nós dois vamos nos matricular na CSA daqui a um ano.

Do outro lado da mesa, Jude está conversando com a mamãe e ao mesmo tempo me enviando ameaças de morte silenciosas porque ela acha que meus desenhos são melhores do que os dela, e estamos tendo

uma disputa. A mamãe é a juíza. E tudo bem, talvez eu não devesse ter consertado o desenho de Jude para ela. Claro que ela está tentando arruinar seus desenhos. Sem comentários.

Ela revira os olhos para mim às escondidas. É um tremor de 6,3 graus na escala Richter. Penso em lhe dar um chute na perna sob a mesa, mas resisto. Em vez disso, bebo um pouco do chocolate quente e secretamente espio um grupo de meninos mais velhos à minha esquerda. No que diz respeito ao meu pênis de concreto de dois metros e meio, nenhuma consequência na minha mente. (Autorretrato: *Menino É Dado Pedaco por Pedaco para que uma Colônia Furiosa de Formigas o Coma.*) Mas talvez Zephyr não vá mesmo contar a ninguém.

Todos os caras da mesa ao lado têm alargadores nas orelhas e brincos nas sobrancelhas e estão brincando uns com os outros como lontras. Eles provavelmente vão para a CSA, acho, e essa ideia faz meu corpo todo estremecer. Um deles tem uma cara de lua com olhos azuis e uma boca vermelha saliente, como nas pinturas de Renoir. *Adoro* esse tipo de boca. Estou fazendo um rascunho rápido do rosto dele com meu dedo sobre minhas calças quando ele me percebe encarando-o e, em vez de olhar irritado para mim, ele pisca na minha direção, lentamente, para que não haja nenhum equívoco quanto a isso, depois volta sua atenção para os amigos, enquanto eu passo do estado sólido para o líquido.

Ele piscou para mim. Como se *soubesse*. Mas não é ruim. De jeito nenhum. Na verdade, eu queria poder parar de sorrir e agora, uau — ele está olhando na nossa direção novamente e sorrindo também. Meu rosto começa a ferver.

Tento prestar atenção na mamãe e em Jude. Elas estão falando sobre a bíblia de bobagens da vovó. De novo. Que é uma enciclopédia de antigas crenças, diz a mamãe. Que a vovó coletava ideias de todos os lugares, de todo mundo, e que até deixava a bíblia aberta na bancada ao lado da caixa registradora na loja de roupas dela, para que todos os clientes pudessem escrever suas porcarias também.

— Na última página — diz a mamãe para Jude — está escrito que, no caso da morte dela, a bíblia é sua.

— Minha? — Ela me lança seu olhar mais arrogante. — Só minha? — Ela está toda feliz agora. Que se dane. Como se eu quisesse alguma bíblia.

A mamãe diz:

— Estou citando: “Este livro é herança para minha neta Jude Sweetwine, a última detentora do Dom dos Sweetwine.

Eu dou uma bufada verde brilhante por sobre a mesa.

A vovó Sweetwine concluiu que Jude tinha o Dom da Intuição dos Sweetwine quando descobriu que Jude conseguia falar a língua das flores. Tínhamos quatro anos. Depois, Jude passou dias comigo diante de um espelho, apertando minha língua com o dedo várias vezes, tentando me ensinar para que eu tivesse o Dom dos Sweetwine também. Mas foi inútil. Minha língua se dobrava e enrolava, mas não florescia.

Volto a olhar para a mesa das lontras. Eles estão se arrumando para ir embora. O Cara de Lua coloca uma mochila sobre o ombro e me dá um tchau mudo.

Engulo em seco, abaixo a cabeça e pego fogo.

Depois começo a desenhá-lo na mente.

Quando volto à realidade, minutos mais tarde, mamãe está dizendo para Jude que, ao contrário da vovó Sweetwine, ela nos assombraria com persistência e exageradamente, nada de visitas rápidas no carro para ela.

— Eu seria aquele tipo de espírito que interfere em tudo. — Ela ri sua risada ruidosa e agita as mãos no ar. — Sou tão controladora. Vocês jamais se livrariam de mim. Nunca! — Ela imita a risada de um fantasma para a gente.

O estranho é que de repente ela parece estar em meio a um furacão. Ela tem os cabelos esvoaçantes e seu vestido está ligeiramente ondulado. Olho por baixo da mesa para ver se há uma passagem de ar ou

coisa assim, mas não encontro nada. Entende? Outras mães não têm clima próprio. Ela sorri para nós com tanto amor, é como se fôssemos filhotinhos, e algo pressiona meu peito.

Fecho-me por dentro enquanto elas conversam mais especificamente sobre que tipo de fantasma a mamãe seria. Se a mamãe morresse, o sol se apagaria. Ponto-final.

Em vez disso, penso no hoje.

Como passei de obra a obra pedindo a cada uma que me engolissem e elas me consumiram.

Como me senti bem o tempo todo, sem nenhuma vez me atrapalhar ou ter a mente girando.

O tamborilar da mamãe na mesa me traz de volta à realidade.

— Então vamos ver estes desenhos — diz ela, empolgada. Eu fiz quatro desenhos com pastel baseados na coleção permanente do museu: um Chagall, um Franz Marc e dois Picassos. Escolhi estes porque as pinturas estavam me encarando tanto quanto eu as encarava. A mamãe disse que não precisávamos copiá-las com exatidão. Eu não as copiei. Eu baguncei os originais na minha mente e os deixei sair todos cobertos por mim.

— Eu primeiro — digo, colocando meu caderno nas mãos da mamãe. O olhar de Jude é um tremor de 7,2 na escala Richter desta vez, balançando o prédio todo. Não me importo, mal posso esperar. Alguma coisa aconteceu quando eu estava desenhando hoje. Acho que meus olhos foram substituídos por olhos melhores. Quero que a mamãe perceba.

Eu a observo virar as páginas lentamente e depois colocar seus óculos de vovó, que pendem do pescoço, e rever os desenhos várias vezes. Em determinado momento ela me olha como se eu tivesse me transformado numa toupeira de nariz estrelado e depois volta ao caderno.

Todos os sons do café. As vozes, o barulho da máquina de café expresso, o tilintar dos copos e xícaras silenciam enquanto eu observo

o dedo indicador dela pairar sobre cada parte da página. Eu estou vendo através dos olhos dela, e o que vejo é isto: eles são bons. Começo a sentir que vou ser lançado ao espaço. Claro que vou entrar na CSA! E ainda tenho todo um ano para me certificar disso. Já pedi ao Sr. Grady, o professor de arte, para me ensinar a misturar tintas a óleo depois da escola, e ele aceitou. Quando acho que a mamãe finalmente terminou, ela volta ao início e recomeça a ver os desenhos. Ela não consegue parar! A expressão dela está sendo tomada pela felicidade. Ah, estou enlouquecendo aqui.

Até que me vejo cercado. Um ataque aéreo telepático detonado por Jude. (Retrato: *Verde de Inveja*.) Pele: verde-limão. Cabelos: verde-amarelados. Olhos: verde-escuros. Ela inteira: verde, verde, verde. Eu a vejo abrir um pacotinho de açúcar, espalhar um pouco pela mesa e depois pressionar uma impressão digital de cristais de açúcar contra a capa do seu caderno. Uma bobagem para dar sorte tirada da bíblia da vovó. Sinto um embrulho no estômago. Já deveria tirar meu caderno das mãos da mamãe, mas não faço isso. Não posso.

Sempre que a vovó S. lia as minhas mãos e as da Jude, ela nos dizia que tínhamos inveja o bastante em nossas linhas para arruinar nossa vida dez vezes. Sei que ela tem razão quanto a isso. Quando desenho Jude e eu com peles transparentes, sempre há serpentes em nossa barriga. Eu tenho poucas. Jude tinha dezessete da última vez que contei.

Finalmente a mamãe fecha meu caderno e me devolve. Ela nos diz:

— Disputas são bobagens. Vamos passar nossos sábados durante o próximo ano apreciando arte e aprendendo técnicas. Parece bom, não é?

Antes mesmo de abrir o caderno de Jude ela diz isso.

A mamãe pega sua xícara de chocolate quente, mas não bebe.

— Inacreditável — diz ela, balançando a cabeça lentamente. Será que ela se esqueceu do caderno de Jude? — Vejo uma sensibilidade de Chagall com uma paleta de Gauguin, mas o ponto de vista parece todo

seu ao mesmo tempo. E você é tão novo. É extraordinário, Noah. Simplesmente extraordinário.

(Autorretrato: *Menino Mergulha num Lago de Luz.*)

— Mesmo? — pergunto, sussurrando.

— Mesmo — diz ela, muito séria. — Estou impressionada. — Algo no rosto dela está diferente, é como se uma cortina estivesse se abrindo ao meio. Dou uma olhada rápida em Jude. Vejo que ela está toda encolhida num canto de si mesma, como eu faço em situações de emergência. Tem um lugar onde me escondo dentro de mim, um lugar aonde ninguém consegue chegar, por mais que tente. Não sabia que ela tinha um lugar assim também.

A mamãe não nota. Geralmente ela nota tudo. Mas ela está aqui sentada sem perceber nada, como se estivesse sonhando diante de nós.

Finalmente ela se dá conta, mas é tarde demais.

— Jude, querida, vamos ver seu caderno, mal posso esperar para ver o que você fez.

— Deixa para lá — diz Jude, com uma vozinha fina, o caderno dela já guardado no fundo da bolsa.

Jude e eu brincamos de várias coisas. A brincadeira preferida dela é Como Você Prefere Morrer? (Jude: congelada; eu: queimado) e o Jogo do Afogamento. O Jogo do Afogamento funciona assim: se a mamãe e o papai estivessem se afogando, quem salvaríamos primeiro? (Eu: a mamãe, claro; Jude: depende de seu humor). E há outra variação: se nós estivéssemos nos afogando, quem o papai salvaria primeiro? (Jude). Durante treze anos, a mamãe nos deixou desconcertados. Não tínhamos a menor ideia de quem ela tiraria da água primeiro.

Até agora.

E, sem trocarmos olhares, nós dois sabemos.